Http://online.unisc.br/seer/index.php/signo
ISSN on-line: 1982-2014
Doi: 10.17058/signo.v48i93.18640

Recebido em 27 de junho de 2023 Aceito em 02 de outubro 2023 Autor para contato: samanthacd@ufscar.br

A escola comum como espaço formativo para a dupla professor e intérprete educacional de Libras

The regular school as a training space for the Libras teacher - educational interpreter duo

Samantha Camargo Daroque

Universidade Federal de São Carlos – São Carlos – São Paulo – Brasil

Cristina Broglia Feitosa de Lacerda

Universidade Federal de São Carlos – São Carlos – São Paulo – Brasil

Resumo: Para conseguir alcançar melhores resultados na educação de alunos surdos, professores e intérpretes de Libras se beneficiam de estudos sobre modos mais eficientes para organização conjunta das ações de ensino de estudantes surdos no Ensino Fundamental II. Assim, esta pesquisa pretende tratar da importância do espaço formativo na escola comum entre professor e intérprete educacional (IE) de Libras, partindo das discussões e análises nesse campo de pesquisa. De forma mediada e especializada, ampliando as possibilidades de instrução e desenvolvimento, faz-se necessário discutir sobre as necessidades formativas de professores e IEs, sobre os desafios vivenciados por eles no cotidiano da sala inclusiva e apontar as possibilidades de instrução em espaço formativo na escola. As reflexões serão permeadas pelo arcabouço teórico de expoentes da área da educação de surdos que se articulam com os princípios da abordagem histórico cultural propostos por Vigotski (2021), ampliando as possibilidades de instrução e desenvolvimento, pelas e nas relações sociais compartilhadas. Os resultados revelam encontros produtivos, que contribuíram com os profissionais para que pudessem repensar suas representações, suas experiências, suas práticas, de maneira individual e coletivamente, a fim de transformarem em ações mais efetivas o ensino de estudantes surdos.

Palavras-chave: Formação de professores. Formação de intérprete de Libras. Acessibilidade comunicacional. Mediação. Educação de surdos. Educação especial.

Abstract: In order to achieve better results in the education of deaf students, Libras teachers and interpreters benefit from studies on more efficient ways of jointly organizing teaching activities for deaf students in Elementary Education II. Thus, this study aims to address the importance of the training space in the regular school between the teacher and the Libras educational interpreter (EI), based on the discussions and analyses in this research field. In a mediated and specialised way, expanding the possibilities for instruction and development, it is necessary to discuss the training needs of teachers and EIs, the challenges they experience daily in the inclusive classroom, and to address the teaching possibilities in a training space at school. The reflections will be permeated by the theoretical framework of exponents in deaf education who articulate with the principles of the cultural historical approach proposed by Vygotsky (2021), expanding the teaching possibilities and development through and in shared social relationships. The results reveal productive meetings that helped professionals to rethink their representations, experiences and practices, individually and collectively, in order to transform the teaching of deaf students into more effective actions.

Keywords: Teacher education. Libras interpreter training. Communication accessibility. Mediation. Deaf education. Special education.

A matéria publicada nesse periódico é licenciada sob forma de uma Licença Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/

1 Início de conversa

A Educação de surdos na perspectiva da educação inclusiva e suas condições acessíveis vêm sendo discutidas por vários pesquisadores. No entanto, ainda são poucas e recentes as publicações com foco para discussões sobre a importância da criação de espaço formativo partilhado entre professores e intérpretes educacionais de Libras, com foco no processo de instrução relacionado às suas experiências na escola comum.

Umas das problemáticas encontradas sobre esse tema se dá em razão da falta de espaços nas escolas, hoje indispensáveis para proporcionar condições formativas para educadores da área. Trata-se de direcionar professores e intérpretes educacionais (IEs) sobre modos de atuar no ensino de estudantes surdos, para além do estudo, em um processo de busca de instruções que fortaleçam suas ações e relações cotidianas de trabalho.

Esses profissionais, ao desconhecerem as características de atuação e função em sala de aula, podem também não reconhecer a Libras como parte fundamental do desenvolvimento, o que, certamente, inviabiliza uma instrução de qualidade para o estudante surdo (DAROQUE, 2022).

É preciso enfatizar que a maior parte dos que acompanham os estudantes necessitam ainda de instrução para um direcionamento sobretudo sobre o conhecimento específico acerca dos aspectos relacionados à surdez, ao conhecimento da Libras, à educação bilíngue nas situações coletivas de atuação em sala de aula e seus modos operantes, em busca de uma atuação e ações mais eficientes (Daroque, 2021).

Nesse sentido, ainda se encontram diversas barreiras no espaço de trabalho, o que torna necessárias mudanças atitudinais quanto às práticas das e nas relações sociais, assim como do sistema de ensino e de políticas públicas, buscando de fato uma escola inclusiva bilíngue pautada nas questões que são benéficas para o público surdo.

Além disso, também se faz necessário atender às necessidades para o desenvolvimento de melhores metodologias de ensino e de práticas pedagógicas, compreendendo especificidades do sujeito surdo nos espaços educacionais e suas demandas quanto ao ensino. Pensa-se, sobretudo, em uma atuação profissional efetiva do professor da sala inclusiva com o IE atuante no mesmo espaço, para que suas ações e relações venham a ser mais bem organizadas e pensadas em prol do estudante.

São necessárias transformações em todos os âmbitos, desde o plano político, passando pelas questões administrativas do sistema educacional e sistema escolar, até, especificamente, os aspectos didático-pedagógicos direcionados (LACERDA, 2009; LACERDA; SANTOS 2013; THOMA, 2016).

Torna-se, portanto, fundamental discutir sobre as necessidades de instrução formativa para professores e IEs na atuação com estudantes surdos na escola comum e sobre a importância da criação de espaços formativos que promovam reflexões conjuntas que tragam, para além da atuação, a busca por romper as problemáticas cotidianas existentes na dinâmica de ensino.

Assim, reiteramos, este artigo trata da importância da criação de espaço formativo partilhado entre professor e IEs na escola comum, partindo das discussões e análises, nesse campo dos estudos, feitas por pesquisadores da área, cujas reflexões, permeadas pelo arcabouço teórico de outros principais expoentes da área da educação de surdos, se articulam com os princípios da abordagem histórico cultural proposta por Vigotski (2021), ampliando as possibilidades de instrução e desenvolvimento, pelas e nas relações sociais compartilhadas.

Para que isso aconteça de forma mediada e especializada, faz-se necessário o esclarecimento das necessidades formativas de professores e IEs, dos desafios vivenciados por eles no cotidiano da sala inclusiva bilíngue e das possibilidades de instrução em espaço formativo na escola. Todos esses aspectos serão tratadas no decorrer deste texto.

2 Necessidades formativas da professora e IE

Os profissionais da Educação necessitam de uma atuação direcionada, buscando compreender as

especificidades dos estudantes surdos, a fim de atuar propiciando desenvolvimento pautado em uma formação humanizada e com respeito à diversidade.

Consideramos que um processo de formação pode ser compreendido como um processo de instrução, no sentido pretendido por Vigotski, já que pretende propiciar desenvolvimento (VIGOTSKI, 2003). Assim, entende-se que o desenvolvimento de professores e IEs poderá acontecer mediante uma proposta mediada por profissional experiente na área da surdez, que trabalhe com os conceitos cotidianos e científicos, a fim de proporcionar uma instrução intencional, visando mudanças de ações e buscando a sistematização do ensino na partilha em espaço formativo na escola (VIGOTSKI, 2001b).

Quanto ao que assumimos como processo educacional, resgatamos o sentido que Vigotski trouxe de "instrução". Afirma o autor que a palavra "instrução" carrega o conceito de "[...] uma atividade que gera desenvolvimento e, por isso, deve estar à frente do desenvolvimento, [e] não seguindo o desenvolvimento como uma sombra [visto ser] uma atividade que leva em conta o conteúdo e as relações concretas da pessoa com o mundo" (PRESTES, 2021, p. 210).

Dessa forma, entendemos que na instrução "toda atividade é um processo", uma ação que promove desenvolvimento, ao contrário do termo comumente utilizado como "aprendizagem", que visa à obtenção de resultados. Nessa perspectiva, a instrução é atribuída a uma atividade autônoma do sujeito, que é orientada por alguém que tem a intenção de fazê-lo (PRESTES, 2021, p. 219).

Nesse sentido, instrução e desenvolvimento são processos compartilhados e mediados, e a mediação cria inúmeras possibilidades de compreensão para cada um dos sujeitos, o que acaba auxiliando na prática pedagógica. Os sujeitos são seres ativos do seu desenvolvimento; no entanto, necessitam de atividades mediadas por outros que os auxiliem na coconstrução das funções psíquicas superiores (VIGOTSKI, 1991).

Mediante essas considerações, afirmamos que, para compreender o processo formativo dos profissionais – professor e IE – que atuarão juntos na classe comum, torna-se necessário pontuar alguns aspectos vivenciados por eles, a fim de compreender como se tornará possível um trabalho partilhado.

3 Desafios vivenciados no cotidiano da escola comum

Cabe aqui uma reflexão sobre a complexidade da situação do professor em sua relação com o seu trabalho, atuando com estudantes surdos em classe comum. Observa-se que, em sua maioria, esses profissionais desconhecem os modos de trabalhos, a língua, as singularidades linguísticas e as necessidades específicas para o ensino deste público. E, ainda, ao mesmo tempo, o professor partilha situações e ações em um mesmo espaço com outro profissional, o IE, que também tem suas especificidades de trabalho na sala de aula.

Merece destaque ainda o fato de que, para o professor, o funcionamento do trabalho do IE é desconhecido e, muitas vezes, isso atrapalha muito o desempenho de ambos, impedindo o bom e necessário relacionamento entre eles, dentro do mesmo espaço.

> O professor passa, portanto, por muitas vivências e descobertas quando tem em sua sala de aula a presença de alunos surdos e de intérpretes. São experiências novas, frequentemente sem qualquer orientação prévia, sobre as quais nunca refletiu em sua formação. Logo, ele precisará construir nas relações cotidianas uma compreensão sobre a particularidade das ações necessárias para o ensino do aluno surdo e essa atuação partilhada. E cabe lembrar que, além disso, o professor tem sob sua responsabilidade todos os alunos que estão em sua sala de aula, sejam eles ouvintes, surdos ou sujeitos com outras necessidades específicas. Ele precisa organizar e planejar os conteúdos, traçar estratégias, propondo atividades e avaliações para que o conjunto dos alunos atinja os objetivos esperados pelo currículo para a série em questão (DAROQUE, 2021, p. 52).

Nesse caso, como existe uma dinâmica de trabalho diferenciada para cada um dos profissionais, é preciso que o professor conheça e compreenda o funcionamento dos seus alunos surdos, o funcionamento da interpretação, os momentos de

intervenções e de explicações mediadas pelo intérprete, buscando realizar as ações pedagógicas em consonância com as demandas apresentadas (DAROQUE, 2021).

Já para o IE, sendo conhecedor da língua de sinais usada pelo estudante surdo, cabe conferir acessibilidade às interações, mediando as explicações feitas oralmente pelo professor. Em grande parte das situações vivenciadas, ao transpor da língua oral para a língua de sinais, o tempo para a tradução do IE acaba sendo diferente daquele usado pelo professor para enunciar o conteúdo. Por vezes, o IE precisa de mais tempo e o professor pode já ter iniciado outra explicação, criando uma dinâmica complicada para o IE e para o estudante surdo. Essa situação pode se tornar caótica, quando não se consegue envolver o professor nas decisões sobre os aspectos interpretativos a serem enunciados, indicando que falta à dupla abertura para discutir sobre os processos e desafios implicados nas estratégias pedagógicas de ensino, nas estratégias próprias de interpretação e nos processos de compreensão do estudante surdo.

> Essa dinâmica implica aspectos singulares com relação à forma de atuação, pois, para além dos aspectos de tradução, estão em jogo práticas educacionais e processos de ensino-aprendizagem. Atento às dificuldades dos alunos surdos, o intérprete educacional busca ativamente no dia a dia novos modos de mediação que favoreçam a construção de conhecimentos. Pelo fato de ser conhecedor da Libras e, portanto, estar mais próximo do aluno surdo, acaba assumindo também uma série de outras funções em decorrência da dinâmica da sala de aula, do não conhecimento da língua de sinais pelo professor regente da língua e dos aspectos específicos (DAROQUE, 2021, p. 59).

Em grande parte das vezes, o IE, mesmo sendo conhecedor da Libras e dos aspectos específicos sobre a surdez e sobre o funcionamento dos estudantes surdos, não está preparado profissionalmente para suprir todas as demandas educacionais. Afinal, não é porque sabe Libras que ele consequentemente sabe organizar materiais e domine as estratégias para ensinar. Comumente acontece que o IE em seu cotidiano em sala de aula vai aprimorando e conhecendo a organização pedagógica e as estratégias didáticas, que vão tornando-o mais habilidoso para este fim (DAROQUE, 2021).

Diante dessas questões, o IE também necessita de uma formação direcionada às necessidades dessa atuação dinâmica para atuar em sala de aula inclusiva bilíngue, pois vivencia práticas educativas de ensino, compartilhadas com o professor regente. Por isso, a urgência de ser oportunizada uma formação continuada que promova desenvolver e ampliar conhecimentos relacionados às questões pedagógicas, às metodologias de ensino que estão ligadas a esse espaço, assim como desenvolver melhor os aspectos da língua de sinais e os processos tradutórios específicos para a atuação educacional (LACERDA, 2010). Portanto, é preciso que os intérpretes se capacitem para o trabalho nesse contexto, e sejam conhecedores do funcionamento da mediação dos processos de ensino-aprendizagem dos estudantes surdos em sala de aula (LACERDA; LODI, 2009).

É preciso ainda que os professores regentes e IEs, responsáveis pelo ensino dos estudantes surdos, participem juntos de uma formação específica para suprir suas necessidades cotidianas e garantir os direitos linguísticos desses alunos por meio da criação de condições pedagógicas diferenciadas, em busca de um ensino mais qualificado.

Por isso, espera-se que busquem momentos de reflexão compartilhada sobre o que cada profissional pode fazer para uma melhor organização e planejamento, para assim elaborarem melhores maneiras de ação conjunta (LACERDA; SANTOS, 2013).

Com certeza, tais melhorias serão alcançadas a partir do momento em que os profissionais se disponham a sentar-se e discutir sobre suas necessidades, além de precisarem de momentos para pensar juntos sobre todos os processos. Essas ações ainda se mostram bastante complexas, pois implicam a mobilização para conseguirem se organizar sozinhos, sem que haja uma mediação trazendo motivação e experiências que apontem para melhor desempenho.

Ao direcionar o foco para a instrução desses profissionais, estaremos considerando o trabalho como prática intencional que possibilitará aos sujeitos passarem por um processo humanizador em seu desenvolvimento pessoal e profissional (DAROQUE, 2021).

Nesse contexto, a intenção destas reflexões se dá na possibilidade de contribuir para que as relações entre os profissionais possam ser construídas quando se oportuniza um espaço mediado para tais ações conjuntas e compartilhadas.

4 Possibilidades de instrução em espaço formativo na escola

Em busca de promover uma superação das dificuldades diárias com relação ao ensino dos estudantes surdos, torna-se importante que os profissionais tenham no seu cotidiano de trabalho a presença de espaços formativos que possibilitem momentos de reflexões conjuntas.

É preciso buscar um processo contínuo de reflexões e ações sobre a práxis (ZANATA, 2004) e isso se tornará possível quando forem oportunizados momentos conjuntos de reflexões e discussões entre professor e intérprete educacional, de maneira mediada, em um espaço pensado para tal propósito.

Exemplos de uma organização de espaço formativo partilhado entre professores e IEs serão descritos com base nos estudos de Daroque (2021), que discute aspectos relativos às possibilidades de ações realizadas no espaço formativo criado em uma escola com os profissionais atuantes no 8° ano do Ensino Fundamental, em classe comum, com 30 alunos ouvintes e 4 alunos surdos, de uma escola pública da rede municipal de ensino.

O espaço foi criado visando propiciar instrução e realizar um trabalho em parceria entre professor e IE, na busca de ações mais produtivas em serviço, na escola, com encontros semanais presenciais, que aconteciam com a dupla de profissionais (professor regente e intérprete educacional de Libras-IE) e mais uma pessoa experiente na área, que serviu como mediadora em todo o processo, durante 1 ano.

Com a presença da mediadora, experiente na área da Educação de Surdos e na tradução e interpretação educacional, foi possível realizar discussões teóricas e práticas, assim como estabelecer ações compartilhadas entre os profissionais por meio de processos dialógicos, mediados por reflexões conjuntas, contribuindo para uma construção de ações mais atentas para o ensino de estudantes surdos.

Essas mediações proporcionaram momentos de interação dialogada, que conduziram a reflexões sobre as práticas pedagógicas. Tais encontros, além de propiciar interações, permitiram que novas formas de desenvolvimento fossem criadas pelos profissionais. Assim, as atividades, mesmo criadas conjuntamente, puderam ser desenvolvidas de forma autônoma por cada um dos participantes. Pode-se concluir, portanto, que o processo os tornava pensantes sobre o outro e sobre si mesmos (PRESTES, 2021).

Nos encontros, eram feitas reflexões e discussões sobre conteúdos ministrados e planejamento de novas atividades, buscando um olhar diferenciado e atento, tanto do professor quanto do IE, mediados quanto aos aspectos específicos sobre o ensino dos estudantes surdos. Com essas ações, os profissionais puderam transformar suas experiências, dúvidas e questões práticas em ações, visando ao ensino e à busca por elaboração de melhores estratégias e materiais, pensados conjuntamente.

Em resumo, a metodologia utilizada para os encontros partia de assuntos trazidos pelos profissionais com base em suas práticas cotidianas, que eram discutidas conjuntamente. A mediadora procurou dar ênfase à reflexão relativa a atividades desenvolvidas em sala de aula, nas quais, de alguma forma, professor e IE partilharam ações; mais adiante convidou a dupla a planejar antecipada e conjuntamente atividades de ensino; e por fim os incentivou a avaliar as atividades planejadas e realizadas, refletindo sobre ajustes e mudanças que poderiam operar.

> Por meio dessas interações, tratávamos da dialética entre teoria – conhecimentos científicos específicos a respeito da surdez e da educação bilíngue para surdos compartilhados ao longo de nossa mediação – com a prática – vivências, experiências e saberes da prática do professor e do intérprete educacional, em constante diálogo. Assim, as situações cotidianas estavam sempre presentes nos encontros. Todavia, dependendo das discussões geradas, salientávamos uma situação específica para dar um foco às reflexões conjuntas. Utilizávamos anotações com temas disparadores de possíveis reflexões para as situações de planejamento, execução e avaliação das ações no espaço formativo, mas não se tratava de um roteiro a ser seguido rigidamente (DAROQUE, 2021, p. 74).

Assim, quando os professores sentiam necessidade de uma reflexão voltada a como ministrar os conteúdos pensando nos estudantes surdos, "suscitavam-se discussões sobre as especificidades e modos de funcionamento do ensino, procurando ampliar os conhecimentos dos envolvidos" (DAROQUE, 2021, p. 76). Também existiam demandas trazidas pelos IEs, relacionadas aos modos e estratégias de interpretação, do que lhes faltava sobre conteúdos e estratégias pedagógicas elegidas pelo professor, as quais precisariam compreender para melhor desempenhar seu trabalho.

As discussões conjuntas buscavam pensar novas estratégias de ensino com foco em conteúdos específicos e em como os estudantes surdos poderiam participar e aprender ativamente.

> Todos esses aspectos eram tratados pensando na organização das atividades e nos modos de mediar o conteúdo em Libras. Por isso, o intérprete sempre era convidado a trazer elementos de sua compreensão sobre a língua de sinais, a visualidade e aspectos semióticos da Libras, buscando suas contribuições sobre como os conteúdos poderiam ser direcionados para os alunos surdos de acordo com sua dinâmica de aprendizado (DAROQUE, 2021, p. 76).

Esses momentos no espaço formativo valorizavam a capacidade de reflexão e análise sobre a prática por meio das relações, promovendo instrução e desenvolvimento, pois eram incentivados a interagir com posicionamentos, na escuta do outro, em um processo intersubjetivo. A busca constante era sobre uma melhor organização de práticas repensadas, diferenciadas e partilhadas.

Para melhor situar o trabalho formativo com a dupla formada pelo professor regente e intérprete educacional, apresentamos um excerto dos encontros de trabalho, que será em seguida analisado. Participaram do excerto evidenciado: a mediadora responsável pela condução do processo formativo e das discussões; uma professora do Ensino Fundamental, atuante no 8º ano, que ministrava a disciplina de Ciências (Prof. Ciênc); e a intérprete educacional 1 (IE1). Elas tinham 2 estudantes surdos (A1 e A2) no 8º ano A, e A3 e A4 no 8º ano B, totalizando o atendimento a 4 estudantes surdos. Os demais alunos de cada turma de 30 alunos, em média, eram ouvintes (DAROQUE, 2021).

5 Formação e discussão

Os encontros formativos aconteciam quinzenalmente, ao longo de um ano. Nos primeiros encontros, a dupla queixava-se de não conseguir tempo para tratar dos assuntos a serem ensinados aos estudantes surdos.

Aos poucos, a cada encontro realizado, a dupla foi se mostrando mais envolvida, mais entrosada nas ações de ensino e nas questões de planejamento, como demonstrado no excerto:

> **Mediadora:** Depois do nosso encontro refletindo juntas e pensando em como trabalhar o tema células e tecidos, vocês conseguiram se organizar como? Conseguiram pensar na avaliação depois?
>
> **Prof. Ciênc:** Foi ótimo, porque me ajudou a pensar outras estratégias para levar o assunto. Então eu organizei slides com imagens, escritas, exemplos com fotos, bem visuais. Mandei para IE1 para ela me ajudar a entender se os alunos iriam compreender e se ela poderia usar para interpretar.
>
> **IE1:** Isso, a professora me passou os slides. Eu fiquei estudando eles por um tempo, porque tinha muito conteúdo que eu não lembrava mais o que era e precisei pegar o livro e dar uma estudada, no conteúdo mesmo.

IE1: E com os materiais que você [mediadora] disponibilizou, o dicionário com vocabulário em Libras, os joguinhos, a ideia dos slides, de usar os desenhos, ajudou muito. Conseguimos pensar através do material, entendeu? Deu uma ampliada. Para pensar em fazer jogos também, que já estamos pensando em fazer para o sistema digestório, parecido com o que você nos emprestou.

IE1: E na hora de pensar na interpretação em Libras, quando eu não sabia os sinais, buscava em vários lugares e não achava, mesmo com o dicionário. Aí, como a professora trabalha com muito desenho, né? Fiz até um rascunho com os desenhos que ela me passou para visualizar bem e pensar na sinalização. Então vai dar pra usar nas explicações, os alunos podem fazer associações e eu posso criar as estratégias em Libras pensando nos classificadores.

Mediadora: Que joia. Parece que abriu uma luz aí, né? E é superimportante estudar antes, para você entender o que precisa compreender melhor e buscar quais as estratégias para a interpretação. É fundamental que você saiba do conteúdo também. Se o intérprete está lá, preparado, sabendo o que vai ser trabalhado em sala de aula, a qualidade da interpretação vai ser outra. Vai ter outro repertório e vai pensar melhores estratégias. Vai se encher de informação, aumentar vocabulário e isso tudo na Libras também.

IE1: Usei todo o espaço visual. Ela mostrou o desenho na lousa também e segui o desenho. Fui muito pelo desenho dela. Já usamos o mesmo local, os desenhos, explicando. Eu fui perguntando para eles. Eles entenderam muito, participavam, mostravam as respostas.

Mediadora: Se não tivessem conversado antes, pensado juntas, refletido possibilidades, vocês acham que seria a mesma aula?

Prof. Ciênc: Impossível. A gente sabia o que tinha que fazer, estava mais claro para nós. Isso também refletiu nos alunos. Porque eles queriam participar respondendo, mostravam que estavam entendendo. Foi muito boa essa atividade com eles. Com todos deu um bom retorno, porque usei os slides para todos e os desenhos como exemplos para interagir.

IE1: Nossa, foi demais mesmo esse dia. Eu já sabia o que ia fazer, tive mais segurança em como sinalizar e também já tinha um material preparado. Foi ótimo.

Mediadora: E para preparar a avaliação depois disso, que conversamos também, conseguiram organizar e aplicar?

Prof. Ciênc: Não foi aplicada ainda, será daqui um tempo, mas eu já quis organizar antes. Então, fui adaptando junto com a IE1 cada questão que entendíamos se dava ou não para eles responderem e como poderíamos adequar para cada caso. Igual começamos no encontro outro dia, com sua ajuda [mediadora]

Prof. Ciênc: E outra coisa. Conversamos que a avaliação que adaptamos para o A1 e o A2, vou aplicar também para os outros alunos com outras deficiências, também, que temos na sala. Acho que, do jeito que fizemos, eles também vão conseguir responder. E espero já uma diferença grande ali, deles conseguirem executar.

As ações construídas ao longo do processo formativo possibilitaram que a dupla – professora regente e IE – refletisse sobre seu trabalho, se organizasse previamente para a atividade, sugerisse estratégias uma para a outra, de forma tal que, ao final, ambas afirmam ter ficado mais satisfeitas com os resultados alcançados em sala de aula. Percebeu-se que o fazer docente e o fazer da intérprete mostravam-se mais motivados, à medida que iam ampliando os conhecimentos e modos práticos de conduzir a atividade ao longo dos processos de instrução. Reorganizaram o uso de recursos (slides, desenhos, imagens) e também as formas de dizer em língua de sinais, à medida que iam compreendendo seu uso nas condições de ensino.

Com auxílio da mediadora, buscava-se, nos processos de organização e nos modos de pensar compartilhados, promover reflexões conjuntas esclarecedoras sobre aspectos específicos, levando os profissionais a construírem reflexões direcionadas às suas necessidades. Com o processo de repensar suas práticas ao longo de suas experiências cotidianas, o que o excerto nos mostra é que as profissionais trazem um aprimoramento de suas ações, mostrando práticas mais elaboradas e mais efetivas, o que aponta para bons resultados. Pontuamos que o trabalho em dupla, melhor organizado e discutido em conjunto, se fez benéfico para atuação de ambas as profissionais. Isso favoreceu que a IE se organizasse e se preparasse frente aos aspectos tradutórios de maneira mais segura e efetiva, com oportunidade de antecipação das informações. A IE conseguiu ampliar seu

repertório em Libras e pode favorecer melhores compreensões por parte dos estudantes surdos em sala de aula, pela interpretação simultânea.

Assim, o professor foi se tornando mais ativo e organizado, planejando junto com IE; e a IE foi trazendo elementos que tornavam mais claro para o professor quais eram os pontos complexos no ensino dos conteúdos e como enfrentá-los. De maneira partilhada, a dupla vai se tornando mais parceira, o que contribui para reflexões e estratégias mais elaboradas, que beneficiarão o ensino e consequentemente a compreensão do estudante surdo.

Quando falamos que é preciso construir uma parceria entre os profissionais:

> [...] precisamos partir da premissa de que, havendo consciência das possibilidades de contribuição de cada um com seu domínio específico, existem maiores chances de que o trabalho compartilhado funcione melhor. Na prática escolar cotidiana, esse trabalho conjunto não é um 'hábito': precisa ser construído. Aqueles profissionais que mais rapidamente se adequaram a isso conseguiram desempenhar práticas mais próximas das necessidades de alunos surdos (DAROQUE, 2021, p.117).

Dessa maneira, quanto maior a proximidade e interação entre a dupla maior a chance de "resolver questões que aparentemente são de difícil solução quando realizadas individualmente" (SANTOS, 2020b, p. 153). No espaço formativo em discussão, as profissionais da dupla buscaram oportunidades para um estudo conjunto, que promoveu repensarem suas questões sobre as dinâmicas do trabalho através de diálogos de forma compartilhada sobre suas experiências, sobre os modos de planejamento e sobre a construção de materiais.

Assim, entendemos que o espaço formativo partilhado entre as profissionais fez com que pudessem pensar novas dinâmicas em sala de aula de maneira mais fluida, o que favoreceu melhores participações dos estudantes surdos nas interações e na compreensão de conteúdos.

Com isso, podemos compreender que as consciências desses indivíduos, nas relações interpessoais e nas experiências entre os sujeitos, demonstraram indícios de manifestações quando se modificaram e modificaram os outros ao redor. Isso porque modificamos nossa consciência ao sermos afetados pelas experiências do outro, ressignificando nosso modo de estar e agir no meio, assim como nas relações (VIGOTSKI, 2001a).

6 Conclusão

As discussões apresentadas apontam para a importância de se criarem na escola espaços formativos que promovam partilha entre os profissionais, com instrução mediada quanto às necessidades dos estudantes surdos e dos profissionais que atuam diretamente com esse público. O espaço formativo mediado e compartilhado entre professores e intérpretes educacionais mostram os benefícios das ações coletivas que favorecem discussões e propostas de ações mais afinadas com as demandas cotidianas, oportunizando um olhar diferenciado e cuidadoso entre e com os profissionais, o que resulta em modificações em suas práticas.

Pode-se afirmar que os momentos partilhados serviram para a realização de um trabalho em parceria, de modo que os profissionais envolvidos pudessem decidir juntos tanto sobre as ações voltadas à instrução e desenvolvimento dos estudantes surdos, quanto sobre os processos interpretativos dos conteúdos ministrados e mediados em sala de aula. Assim, conjuntamente, as participantes trataram de discutir e refletir em dupla, além de repensarem suas representações e suas práticas, por meio de suas experiências, planejamentos, construção de materiais, avaliações e reorganizações gestadas coletivamente.

Por isso, promover encontros entre esses profissionais pode se tornar produtivo e contribuir para um ensino de melhor qualidade, visando os estudantes surdos, apontando para caminhos alternativos e mudanças que precisam ocorrer tanto na cultura escolar quanto na sociedade (GÓES, 2002).

Referências

BRASIL. Decreto nº 5.626. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. *Diário Oficial da União*, Brasília, 22 de dezembro de 2005.

DAROQUE, S. C. *Espaço formativo partilhado entre professores e intérpretes educacionais no contexto da Educação Inclusiva Bilíngue de surdos.* Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, 2021.

DAROQUE, S.C.; LACERDA, C.B.F.de. Educação de surdos e necessidades formativas de professores. In: MANZINI, E.J.; ROCHA, A.N.D.C. *Temas recorrentes em pesquisa em educação especial.* Goiânia: Sobama, 2022.

GÓES, M.C.R. Relações entre desenvolvimento humano, deficiência e educação: contribuições da abordagem histórico-cultural. In: OLIVEIRA M. K.; SOUZA, D.T.R; REGO, T.C. *Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea.* São Paulo: Moderna, 2002, p. 95-114.

LACERDA, C.B.F.de. *Intérprete de libras:* em atuação na educação infantil e no ensino fundamental. Porto Alegre: Mediação/FAPESP, 2009.

LACERDA, C. B. F. de. Tradutores e intérpretes de Língua Brasileira de Sinais: formação e atuação nos espaços educacionais inclusivos. *Cadernos de Educação*, v. 36, p. 133-153, 2010.

LACERDA, C. B. F. de; LODI, A. C. B. A inclusão escolar bilíngue de alunos surdos: princípios, breve histórico e perspectivas. In: LODI, Ana Claudia Balieiro; LACERDA, Cristina Feitosa de (Org.). *Uma escola, duas línguas:* letramento em Língua Portuguesa e Língua de Sinais nas etapas iniciais de escolarização. Porto Alegre: Mediação, 2009. p. 11-32.

LACERDA, C. F. de; SANTOS, L. F. dos (Org.). *Tenho um Aluno Surdo, e agora?* Introdução à LIBRAS e educação de surdos. São Carlos: EduFSCar, 2013.

THOMA, A. da S. Educação Bilíngue nas Políticas Educacionais e Linguísticas para Surdos: discursos e estratégias de governamento. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 41, n. 3, 2016. p. 755-775.

PRESTES, Z. *Quando não é quase a mesma coisa:* traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil. 2.ed. Campinas: Autores Associados, 2021.

SANTOS, L. F. dos. *Práticas do intérprete de libras no espaço educacional.* São Paulo: Editora Mediação, 2020b.

VIGOTSKI, L. S. *A formação social da mente.* Tradução de José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VIGOTSKI, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem* (1869-1934). Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001a.

VIGOTSKI, L. S. *Pensamento e Linguagem*. Edição eletrônica de Ridendo Castigat Mores. [S. l.]: eBooksBrasil, 2001b.

VIGOTSKI, L. S. *Psicologia Pedagógica*. 2. ed. Tradução de Guillermo Blanck. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VIGOTSKI, L. S. *Psicologia, educação e desenvolvimento:* escritos de L. S. Vigotski. Organização e tradução de Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. 1. ed. São Paulo: Expressão popular, 2021.

ZANATA, E. M. *Práticas pedagógicas inclusivas para alunos surdos numa perspectiva colaborativa.* Tese (Doutorado em Educação Especial) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.